



O Sesquicentenário de Fausto Cardoso

Terezinha Alves Oliva¹

Senhoras e Senhores:

353



No dia 22 de dezembro vindouro assinala-se o sesquicentenário de um dos sergipanos mais ilustres, cujo nome está ligado à geração fundadora deste Instituto Histórico e Geográfico. Justo é que nesta sessão do centésimo segundo aniversário do Sodalício se homenageie também os cento e cinquenta anos donascimento de Fausto de Aguiar Cardoso, ocorrido no antigo engenho São Félix, em Divina Pastora, no alvorecer de uma quadra tão contundente na história do Brasil. Advogado, professor, poeta, jurista, jornalista, orador, escritor e político, Deputado Federal por Sergipe nas legislaturas de 1900 a 1902 e de 1906 a 1908, Fausto Cardoso viveu 42 anos, tendo marcado a história política e a história intelectual do Brasil por uma atuação tão meteórica quanto contundente.

Ele foi um dos “bacharéis do Recife”, discípulo de Tobias Barreto. Um dos luminares da Escola do Recife, que deixou nas suas obras, “Concepção Monística do Universo”, “Taxinomia Social”, “Cosmogonia Política e Americana” e nos vários discursos pronunciados na Câmara Federal e publicados nos Anais do Congresso Nacional, reflexões sobre o Direito, a História e também sobre a Política brasileira.

Apesar de reconhecido como o nome mais importante da vertente radical da Escola do Recife, pela interpretação monística de viés haeckeliano, tanto do universo como da história, foi na seara da política que ele ficou mais conhecido, não só pela oposição ao Governo Campos Sales e à política econômica do Ministro Joaquim Murinho, mas por ter liderado uma revolta contra a oligarquia Campos, que dominava Sergipe, tendo perdido a vida nos episódios finais desse movimento épico, que pintou com as cores da tragédia a nossa história.

1 Doutora em geociências pela UNESP (São Carlos). Professora aposentada Universidade Federal de Sergipe. Oradora do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.



Morto Fausto Cardoso, em 1906, derrotados e silenciados os seus adeptos, seis anos após o assassinato, um intenso movimento em torno de valores sergipanos resultava na fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Entre os fundadores estavam “bacharéis do Recife” e não parece ter sido por acaso que a fundação se deu em agosto, mês das celebrações consagradas a comemorar a morte do tribuno. Naquele ano de 1912, também inspirado na sua figura, estava em curso o construto de um ideal de sergipano e de sergipanidade. A morte heroica e o legado intelectual de Fausto Cardoso forneceram essa construção forte simbologia.

Também há cento e dois anos, em 28 de agosto, iniciou-se “a ressurreição de Fausto, em bronze imorredouro, no mesmo lugar onde teve morte heroica”, como diz o jornal Diário da Manhã daquele dia (28/08/1912).

Em 12 de setembro, a inauguração do primeiro monumento em Praça pública, em Aracaju, entronizou um tipo humano como ideal do sergipano, símbolo da sergipanidade, tal como foi cultivada pelos fundadores do IHGSE. É possível acompanhar pelas páginas da Revista do Instituto o quanto a figura do Fausto intelectual, escritor e orador insuperável, foi construída, neste processo, como símbolo do “ninho de águias”, em que Tobias Barreto ponteara sobranceiro. Tobias, a razão; Fausto, a emoção, a coragem, a intemerata doação da vida por uma causa; ambos compunham um ideal do tipo sergipano.

Ainda que através de novos prismas, este Instituto, mais que centenário, não deixou de cultivar valores associados à sergipanidade. Exemplar disso é a Coleção Biblioteca Casa de Sergipe, da qual se lançam hoje mais dois títulos: “A Inquisição em Sergipe”, de Luiz Mott e “Impasses do federalismo brasileiro – Sergipe e a revolta de Fausto Cardoso”, de minha autoria.

Honrada em dividir com o grande estudioso de Sergipe que é Luiz Mott, a mesa de lançamentos, quero destacar a feliz coincidência de ser este o dia em que vem a lume a segunda edição do meu livro, num lance absolutamente fortuito. O reaparecimento dessa obra publicada há quase trinta anos, atualiza, no sesquicentenário de Fausto Cardoso, um estudo a que fui levada pelas aulas de História das Ideias Políticas no Brasil, ministradas no Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco pelo grande intelectual tobiático Nelson Saldanha.

Ele mostrou a uma sergipana desavisada, a revolução de ideias trazida pela Escola do Recife, que hasteou a bandeira do Evolucionismo e da difusão do cientificismo alemão, num Brasil dominado pela tradição eclesástica e pelo pensamento francês. Orientado pelo saudoso Armando Souto Maior, o trabalho que resultou no livro estuda a revolta de Fausto Cardoso no amplo universo da luta de ideias e no contexto da República Brasileira, que se queria democrática e federativa, mas não conseguia romper a teia da oligarquia e do domínio dos grandes estados. Por isso evidencia



os mais importantes temas discutidos naquele contexto no Parlamento Nacional, assim como as questões da política brasileira e sergipana do começo da República e as várias faces da “revolta”.

Em sua época, a repercussão nacional do movimento sergipano, dado o trágico fim do deputado que a liderou, deu à revolta Fausto Cardoso o caráter de um divisor de águas, tornando fundamental o seu estudo, para a compreensão da nossa história republicana. Conhecer essa história e também a memória que lhe deu causa é cultivar a “sergipanidade” tal como a entende hoje o IHGSE que com a Coleção Biblioteca Casa de Sergipe traz à discussão distintos aspectos dessa construção denominada Sergipe, para a qual contribuíram tantas gerações e à luz da qual se faz também agora o seu presente.

Muito obrigada!

